

## **Paisagens e Pixirica: fazendo parentescos no caminho<sup>1</sup>**

Maria Clara Ribeiro Moreira / UFMG - BR

Luiza Reis do Nascimento / UFMG - BR

**Palavras-chave:** multiespécie, paisagem, alianças.

### **RESUMO:**

Vivemos em um mundo de ruínas, sobre escombros de muitos mundos. O arruinamento é uma constante, e habitamos as paisagens que se fazem da perturbação. O texto aborda a coexistência entre ruína e esperança no mundo contemporâneo, enfatizando a importância de construir alianças e relações de parentesco em uma escala ecológica, questionando a definição moderna que separa natureza-cultura. Ao contar a história de uma muda de Pixirica, uma planta que veio do Assentamento Terra Vista, no Sul da Bahia, e viajou por diferentes mãos até chegar ao coletivo Paisagismo de Guerrilha em Belo Horizonte. A muda foi, então, plantada em meio ao entulho num terreno de bota-fora, iniciando uma empreitada de construir, ali, uma horta comunitária. Essa jornada destaca as complexas interações entre humanos e não humanos, as suas alianças e os conflitos dos encontros nas paisagens. O texto propõe uma reflexão sobre as possibilidades de vida e sobre o fazer parentesco no contexto do capitaloceno, na urbanidade com seus ecossistemas de ruína, questionando a dicotomia entre natureza e cultura e buscando transformar imaginários a partir de uma ecologia política multiespécie.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

## 1. Germinação

Debaixo da terra, onde vivem muitos seres e, de onde nascem e morrem outros tantos, havia uma semente em processo de germinação. Esse processo de vida exige muitas condições de espaço-tempo para realizar-se. A nutrição de um solo adequado, a boa umidade, a estabilidade de um substrato, a luminosidade... Tudo isso conflui para a sequência de eventos morfogênicos que pode culminar em um novo ser vegetal.

Em uma floresta - como contraposição ao monocultivo -, as espécies nascem juntas. Lado a lado. Essa forma *simpoietica* (HARAWAY, 2023, p.64) de perceber a vida como tornar-se capaz mutuamente (p.244) faz parte das ecologias de paisagens. Nesses espaços e tempos compartilhados, competição e colaboração são relações possíveis.

Nessa estória, um exercício de SF<sup>2</sup>, voltamos à terra. A terra desse lugar, no sul da Bahia foi recuperada por trabalhadores do MST<sup>3</sup> durante mais de trinta anos. Humanos que se implicaram nessa terra, construindo a fertilidade do solo, restaurando uma área há muito degradada e abandonada pela agroindústria. Cultivada por muitos e muitas, essa terra encheu um *saquinho de polietileno de baixa densidade*, de onde germinava a semente.

Como em florestas, essa semente não estava sozinha. Junto dela havia um outro parente-semente, que também, a partir daquele pequeno volume de terra trabalhada, estava em processo de devir-com. Não se sabe ao certo como essas sementes foram encontrar-se naquele espaço-tempo, mas existem algumas hipóteses.

É possível que algum pássaro transportou em seu bico as sementes até a terra que foi colocada no saquinho; ou um mamífero (humano ou não) carregou consigo as sementes até uma terra que daria condições dela brotar. Também pode ter sido o vento ou a água, ou quem

---

<sup>2</sup> Da Nota da Tradutora da edição de 2023 de Ficar com o Problema (N-1): "SF é a sigla em inglês de science fiction [ficção científica], speculative fabulation [fabulação especulativa], string figures [figuras de barbante], speculative feminism [feminismo especulativo], scientific fact [fato científico] e so far [até agora]."

<sup>3</sup> "Na madrugada do dia 8 de março de 1992, 360 famílias do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) ocuparam a antiga Fazenda Bela Vista, em Arataca, no Sul da Bahia, e fundaram o Assentamento Terra Vista. Após despejos e demais desafios enfrentados, agricultores e agricultoras vivem na área seguindo cotidianamente o lema "Ocupar, Resistir e Produzir".

Após perceber que o modelo agrícola do capital não proporcionaria a liberdade almejada, nos anos 2000 a comunidade do Terra Vista iniciou a sua transição agroecológica. Nesse trajeto, 92% da mata ciliar do Rio Aliança já foi recuperada, assim como 80% das suas nascentes. Com mais de 900 hectares no total, sendo 313 de Mata Atlântica Preservada e 313 de Cacau Cabruca, o Assentamento abriga um Sistema Agroflorestal em constante expansão".

sabe elas já estavam na terra que foi colocada no saquinho. Elas também podem ter feito parte de algum excremento animal, depositadas lá, depois de uma aventura pelo sistema digestivo.

Não sabemos ao certo nem como nem quando elas chegaram lá. Será que esperaram muito tempo para brotar? Se sim, como foi essa espera? Ou pode ser que estejamos falando de sementes apressadas. Não sabemos também o que é *pressa* no mundo das sementes. Se alguma árvore pode viver centenas de anos, talvez a pressa sejam duas décadas? Isso pode parecer muito rápido também para alguns processos na própria escala de tempo humana (como tornar-se adulto em vinte anos!).

Além de como e quando, quem eram essas sementes que germinavam juntas nesse recipiente<sup>4</sup>? Tudo indica que falamos de uma espécie do gênero *Citrus* (*laranjas doces e azedas, tangerinas, mexericas, limões e limas, pomelos, toranjas, cidras e seus híbridos*) e uma *Miconia crenata/Leandra australis*. Segundo o site *ecoregistros*, um nome pode ser sinônimo de outro. Ela também é conhecida como Pixirica e como Cabeludinha-do-cerrado. Ambas as espécies são angiospermas, ou seja, podem produzir flores e frutos.

Conforme o site do projeto de pesquisa artística-política Cerrado Infinito, as pixiricas são plantas pioneiras, até potencialmente daninhas. Ocorrem em beiras de estrada, pastagens, plantações, beiras de rio e campos e matas. São nativas das áreas tropicais das Américas - do México ao Paraguai -, e aparecem como invasoras no sul da Ásia, leste da África e algumas ilhas do Pacífico. Preferem áreas já abertas - clareiras - e só se tornam dominantes cerca de doze meses após a perturbação da terra, como acontece em áreas agrícolas de corte e queima.

Quando chegaram até nós como mudas presenteadas<sup>5</sup>, essas duas espécies estavam com tamanhos próximos. Isso quer dizer que, dentro da terra que tinham, elas estavam ambas se alimentando e crescendo. Na hora de plantar, ficamos na dúvida se mantínhamos essa aliança ou se, em solo degradado, essa parceria viraria uma competição. Ficamos algum

---

<sup>4</sup>O recipiente pode ser uma bolsa ou cesta, mas Ursula K. Le Guin fala que nossas casas são, também, recipientes. Ela também diz sobre os itens coletados sem objetivo ou plano concreto, que podem ficar armazenados até terem uso ou não - e isso não é um problema. Dá importância, ainda, do ato de coletar, de sair em busca, prestar atenção aos detalhes, coletar e seguir viagem.

<sup>5</sup> A história base, relatada nesse texto, vem de uma série de acontecimentos que integram um trabalho de conclusão de curso (TCC) para obtenção de título de graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal de Minas Gerais. O TCC em questão consistia em construir coletivamente uma horta em um terreno baldio na Vila Dias, além da horta propriamente, era importante firmar laços locais. Nesse processo, fomos refletindo sobre erros e acertos, a partir do que vivíamos em campo e das leituras que fizemos naquela época. Esse artigo é um desdobramento dessas reflexões.

tempo debatendo isso, já estava sendo difícil abrir um buraco no chão com muitas camadas de entulho e não muita terra.

Observar essas espécies juntas em um mesmo recipiente, plantá-las em um solo degradado (cujo horizonte era a recuperação coletiva), tudo isso são redes de relações construídas, produzidas e reproduzidas (às vezes rompidas também). Essas redes podem ser muitas, com diferentes graus de parceria e cumplicidade. Partindo da polissemia da palavra *rede*, recorreremos a Latour com sua primeira fonte de incerteza, que nos ajuda com as dinâmicas de uma rede não-sempre material: “não há grupos, apenas formação de grupos” (2012, p. 49). Esse caráter circunstancial, volátil e não por isso menos importante, nos orienta nessa SF, cujo desejo é imaginar hipóteses de formação de parentesco/alianças/redes/devir-com, no presente e em futuros, sob escombros e ruínas de muitos mundos. Essas palavras não são sinônimas, não pretendemos traçar definições para elas nesse texto, mas sim construir um raciocínio sobre suas sutilezas.

Donna Haraway fala sobre fazer parentes. Essa escolha de palavras nos remete diretamente às *cosmopercepções indígenas*: parentes, parentescos, famílias expandidas. Essas alianças, mais do que um horizonte de sobrevivência conjunta frente colonialismos, integram modos de ser que não são baseadas no excepcionalismo humano nem no individualismo.

A aliança entre espécies demonstra um interesse pelo outro, um esforço em direção a uma alteridade radical; olhar, ou melhor, realizar uma construção de sentido, para aquilo que nem sequer conseguimos imaginar. A isso que nos propusemos, imaginar e relatar qual a estória de uma muda de Pixirica que chegou até nós.

## **2. Imaginar e Relatar**

Esse texto busca pensar no relato e na imaginação como dimensões diferentes da produção de sentidos, mas não opostas de modo binário e simples. Propõe-se aqui neste texto-ação uma escrita que seja imaginativa e que também construa um relato. Um *relato imaginativo* ou uma *imaginação relatora*. Para isso, assume as polifonias, a escuta sensível e os emaranhamentos de compreender as paisagens a partir de sua ótica multiespecífica, repleta de linhas, que se enlaçam e também se rompem. Ficar com os problemas de assumir tais compromissos; ficar com os problemas da reunião e da assembleia (TSING,2019.p.102).

Vivendo em um ecossistema de ruínas, de muitos mundos, é importante construir horizontes de futuros, baseados nos desejos e em sonhos. Estes, são feitos no cotidiano, acordados e dormindo, subjetivos e coletivos. Contar histórias é fundamental para se viver juntos em um mundo em constante arruinamento. O pensamento utópico (ou sobre futuridade) carrega a complexidade de construir uma crítica ao presente (ao que está posto) para, a partir disso, fabular horizontes. Criticamos o modo como as paisagens são feitas em um mundo em que a produção de lucro é colocada acima das vidas, de algumas vidas. Em nossas utopias, alianças entre pixiricas, citrus e estudantes de arquitetura, merecem espaço para examinação.

A "*Utopia é um modo idealista de crítica que nos lembra que tem algo faltando, que o presente, a presença (e seu número oposto, a ausência) não é suficiente*<sup>6</sup>". Essa ausência não é total nem absoluta, é um deslocamento narrativo e prático, que busca enxergar nas dissidências, naquilo que acontece à margem, formas de resistência às opressões modernas e coloniais. O que falta na história hegemônica das paisagens? Ou melhor, o que é feito nas paisagens que não é enquadrado de modo hegemônico? Enxergamos a ausência de uma ecologia política multiespécie.

Se modos de vida que não enxergam as paisagens como recursos ou como belezas domesticadas, mas compreendem as ecologias e as redes de relações entre seres diversos, vivos e não vivos, visíveis e invisíveis, existem mas são colocados à margem, são sujeitas ao colonialismo, precisamos entender sobre qual substrato queremos basear nossas ações e pensamentos. Haraway nos lembra: importa quais pensamentos pensam pensamentos (2023, p.29). O pensamento ecológico já existe, o pensar multiespécie também, mas não são eles que têm orientado a maioria dos humanos.

Por isso, pensar as utopias baseando-se naquilo que percebemos como algo que foi colocado ausente: o pensamento ecológico. Ele existe, orienta muitas ações. Partindo do pressuposto que a utopia, portanto a imaginação-utópica, é principalmente uma crítica do *aqui-agora* entende-se que há uma insistência na existência de algo que falta (MUÑOZ, 2009, p. 64). Imaginar um não-lugar (*ou-topos*) no presente é identificar que o que está aqui não é suficiente, portanto a dimensão da fantasia dá as mãos ao desejo.

---

<sup>6</sup> MUÑOZ, J. Cruising Utopia: The then and there of Queer Futurity, p.100, 2009, tradução livre das autoras.

Na futuridade, recorremos ao passado e ao futuro para atuar no presente. Nesse texto, conectamos essas ideias ao *relatar* e *imaginar*. Relatar essas histórias das re-existências/resistências passadas - que chegam a nós de algum modo resiliente -, sabendo o que deve permanecer em segredo, e imaginar futuros juntos.

### 3. Paisagens Processuais

A atenção ecológica à paisagem nos mostra que ela é composta de "reuniões (assembleias)" (TSING, 2019), cujos encontros negociam "uma sobrevivência colaborativa" (p.199). Portanto, paisagens "são unidades de heterogeneidade" (p.79). Dessa heterogeneidade podemos apreender as inconstâncias e as indeterminações que, nas relações, fazem o uso de oportunidades para se proliferarem.

Nessas paisagens, que são encontros e relações, a agência não é tão limitadora e intencional quanto quer acreditar ser, afinal, somos agregados multiespécie. A vida em coletivo se faz e se beneficia daquilo que é incontrolável. A força que condiciona a ação não é de todo autônoma, existe um nós que conecta as ecologias das paisagens, que é uma dimensão essencialmente relacional da existência (alianças, parentescos, devir-com...). Para Anna Tsing, "indivíduos são trajetórias interativas contínuas em crescimento indeterminado" (TSING, 2019, p. 75), esse ajuntamento cria situações de fluidez, no qual o movimento é a única garantia.

O que conecta/costura/liga essas assembleias/reuniões que chamamos de paisagem? Os movimentos, entendidos aqui como deslocamentos, migrações, danças, flunar, vadiar, (...). De volta às companheiras vegetais, como habitantes do mundo, as mudas entrelaçadas em seu torrão de terra da Bahia, eram caminhantes<sup>7</sup> (INGOLD, 2007, p. 116-119), e em suas andanças se encontraram e seguiram encontrando por aí, fazendo alianças à maneira vegetal.

Em algum momento de sua trajetória, nossas companheiras vegetais foram transportadas do Sul da Bahia para a capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Será que já eram brotos nesse momento? Ou ainda estavam na forma de sementes, dormentes na terra? Qual foi a percepção de suas raízes em formação dessa mudança de ares?

Com certeza sentiram as variações de luz desse processo de transporte. Independente do modal pelo qual vieram até Belo Horizonte, elas passaram por ambientes mais claros e

mais escuros. Porta-malas de um carro, bagageiro de ônibus, até mesmo a aridez de ares-condicionados de um aeroporto. Tudo isso implica na quantidade de luz que chegou até essas mudas em germinação e não se sabe ao certo os efeitos que esse tipo de deslocamento imprimiram nesses seres.

A germinação de ambas as sementes teria acontecido ao mesmo tempo? Das sementes brotaram raízes que se embrenharam pela terra, e caules que irromperam para alcançar a luz. Enquanto os caules cresceram para lados opostos, as raízes precisaram se enroscar para caber no espaço que tinham. E se enroscando, se entrelaçaram. Dividiram água e nutrientes absorvidos, e encostando-se constantemente, não absorveram algo uma da outra? É possível que a presença de uma tenha ajudado a outra a crescer mais? Ou controlado o grau de seu crescimento no torrão de terra?

O ar, a poluição urbana de Belo Horizonte também deve ter causado impacto nas mudas<sup>8</sup>. Belo Horizonte, como capital de *Minas*, possui questões ambientais muito sérias, no que tange a mineração realizada em seus solos por grandes corporações. Toda essa atividade econômica, do modo que é realizada, gera muitos resíduos e degradação em escalas que, mais que imagináveis, são sentidas cotidianamente por ecossistemas locais: a poeira, os poluentes, a contaminação de solos, ar e água. Tudo isso é um produto da mineração que é dado aos seres vivos que existem nesse local.

Esse caminho, traçado pela Pixirica e sua companheira Citrus, baseou-se, além do trajeto, nos parentescos que elas foram realizando. Desde o devir-com o recipiente que as comporta, o saquinho de polietileno, até as parcerias com humanos. Quem as cultivou? Para qual propósito? Será que elas seriam plantadas em algum quintal, iriam integrar o pomar de uma futura avó? Em Belo Horizonte elas vieram a devir-com a Kasa Invisível.

#### **4. Urbanidades**

As mudas, em seu único saquinho, chegaram a uma casa no centro de Belo Horizonte. Não uma, mas três casas que formam um complexo labiríntico de espaços onde se inventam formas de estar e fazer, a ocupação Kasa Invisível. Ao fundo, onde se mora, em pequenos pátios e terraços que pegam sol, plantas e mudas participam, junto aos humanos e gatos, da vida na ocupação.

---

<sup>8</sup> Segundo matéria da Agência Brasil, o Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP) realizou pesquisa que mostra que a poluição do ar afeta crescimento de árvores.

Manjeriçã, orégano e alecrim conseguem viver bem por causa do sol - e entram na cozinha vegana com suas saborosas folhas, juntando-se ao ora-pro-nobis de um pé que cresce e cresce, sempre grande e farto e que necessita de podas radicais constantes, realizadas pelos moradores da ocupação. Também vivem ali: peixinho-da-horta, diferentes espécies de hortelã, boldo e algumas mudas de abacate que já alcançam a altura de humanos adultos, esperando ser replantadas de vasos para a terra. A Kasa Invisível é uma ocupação urbana feita por PUNKS e PANCS<sup>9</sup>.

As casas foram construídas no final dos anos 1940, quando Belo Horizonte não chegava a um décimo da população que tem hoje. O bairro de Lourdes integra a área planejada dentro da Avenida do Contorno, ocupada por casas de uma elite mineira que se achava moderna demais por "fundar" a capital.

Mas aqueles que de fato construíram a cidade não foram levados em conta no planejamento. Os trabalhadores se instalaram como puderam, nesse território, ocupando áreas à margem do planejamento. Apesar de se encontrar dentro da avenida do contorno (área planejada), a região ao redor do que hoje conhecemos como praça Raul Soares foi ocupada pelas moradias de famílias operárias até a década de 1930, quando foram removidas pela prefeitura para a Vila Concórdia<sup>10</sup>. Assim, a área foi construída sobre o desaparecimento de uma paisagem, uma assembleia anterior que foi varrida pela produção autoritária da cidade moderna.

No cruzamento entre a Avenida Bias Fortes e a Rua dos Guajajaras, foram construídas três casas: primeiro, uma casa que ocupava a privilegiada posição da esquina, com uma varanda no segundo andar de onde se podia (e ainda pode) ver toda a área envolta. Depois, uma casa foi construída no mesmo lote, com a planta espelhando a primeira. E por último, uma terceira casa, mantendo um corredor de respiro e circulação entre as construções.

Depois disso, em meio a um entrave de herança, a propriedade foi fechada para entrar no jogo da especulação imobiliária. Paredes de tijolo fecharam janelas, portas e alpendres, isolando a casa do contato com a vida humana, passando a abrigar uma abundância de outros habitantes por décadas.

---

<sup>9</sup> PANCS = Plantas Alimentícias Não Coloniais (...)

<sup>10</sup> Região hoje conhecida como bairro Concórdia, regional leste de Belo Horizonte.

Animais como ratos, pombos, morcegos, baratas, aranhas, formigas, cupins e lacraias rastejaram pelas fendas e encanamentos vazios; sob o telhado sem forro e nos cantos dos pisos de taco que apodreciam. Espécies de plantas ruderais se instalaram nas frestas pelos pátios e terraços; e fungos e bactérias corroeram as telhas e madeiras dos telhados. Uma árvore cresceu entrelaçando-se à parede de uma das casas, de tal forma que, após atingir um certo tamanho, a sustentação da parede já dependia da presença dos troncos e raízes da árvore (parentes? Simbiontes?).

Em 2013, um coletivo anticapitalista ocupou a casa, construindo ali um centro social, cultural, político e de moradia. A autogestão trouxe reparos às estruturas danificadas das casas e novos habitantes: pessoas de toda a cidade comprometidas com causas anticapitalistas, autonomistas, luta por moradia e direito à cidade.

Da Kasa Invisível, as mudas de Pixirica e Citrus seguiram viagem. Sem ter onde plantar o presente recebido do Assentamento Terra Vista, os membros do coletivo as passaram adiante para nós. Em uma sacola de feira, no chão de um carro, as companheiras viajaram até uma nova paisagem: a Rua Conselheiro Rocha, na Vila Dias.

Esse território, vizinho aos trilhos do metrô (a única linha da RMBH<sup>11</sup>), é margeado também pelo Ribeirão Arrudas<sup>12</sup>. Entre o fundo de vale - os trilhos e o ribeirão - está a principal rua que integra a Vila Dias (Conselheiro Rocha). Nela, muitas pessoas constroem suas vidas e casas, na encosta de relevos montanhosos e acidentados, típicos da região leste da cidade. Seu bairro vizinho, o boêmio Santa Tereza, também está assentado sobre rochas antiquíssimas, que hoje conformam ruas, comércios, pequenos prédios e casas de vó.

Foi na Vila Dias que nossas companheiras vegetais foram parar. No dia 21 de outubro de 2023, dentro de uma série de atividades previstas em nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, organizou-se um mutirão de plantio. Esse mutirão (e o TCC) tinham por objetivo dar início prático na construção conjunta de uma horta na Vila Dias, sob a passarela do metrô, cuja operação urbana deixou como resíduo um terreno de mais de 50 metros quadrados.

---

<sup>11</sup> Região Metropolitana de Belo Horizonte

<sup>12</sup> O ribeirão Arrudas é um importante curso d'água que nasce na cidade de Contagem e deságua no Rio das Velhas em Sabará, sendo portanto um companheiro na paisagem da cidade de Belo Horizonte, seja debaixo de caixões de concreto seja correndo em leito natural.

Esse terreno vinha sendo usado de muitas maneiras por muitos seres. Os humanos usavam principalmente como bota-fora de entulho de obras, haja vista a quantidade de restos de azulejo, telhas, tijolos e até blocos de concreto que encontramos ao tentar escavar uma caminha para a muda. O terreno também servia de lixeira para transeuntes que atravessavam a passarela do metrô, da estação de Santa Efigênia para a Rua Cristal. Havia muito lixo lá, a maioria embalagens de ultraprocessados.

Havia também Daniel, que juntou alguns madeirites, lonas e papelões e construiu um abrigo para si, sob a passarela. Era de lá que ele saía para catar materiais recicláveis, que vendia (provavelmente no bairro da Lagoinha), e era para lá que ele retornava no fim de seu expediente.

Seres animais e vegetais também habitavam o terreno. Várias espécies de plantas ruderais<sup>13</sup>, matos, ocupavam os cantos e partes onde a água da chuva se acumulava. Gatos, e cachorros circulavam por ali, e muitas minhocas e insetos faziam morada entre as camadas de terra, lixo e entulho e as plantas. Todos esses elementos reunidos, vivendo em alianças e conflitos, fazendo possibilidades de vida naquele ecossistema de ruína.

Seu Dico, vizinho do terreno, jogava sementes de tomate e abóbora nesse espaço e as via crescer. Ele nos relatou, sempre cercado de vários cãezinhos, que antes de seus filhos nascerem ele tinha um grande quintal ali mas, à medida que foram crescendo e se casando, cada filho foi construindo sua casa própria no terreno do pai, que foi tendo seu quintal reduzido. Natural de Moeda, Minas Gerais, Dico relatou sentir falta do contato com o cultivo.

Outros vizinhos do terreno têm outras relações com esse espaço. Alguns jovens usam o espaço para estacionar suas motos, veículo com melhor custo benefício para se locomover em uma cidade de trânsito tão terrível. Também fazem-se churrascos lá.

A ideia de fazer uma horta comunitária no pedaço de terra surgiu antes de nos envolvermos com o espaço e, talvez siga, mesmo agora que não estamos mais lá. O desejo dos moradores chegou até o Arboriza, organização do bairro vizinho, Santa Tereza, que

---

<sup>13</sup> Segundo a wikipédia: "Ruderal (do latim: rudelis; "entulho") é a designação dada em ecologia às comunidades vegetais que se desenvolvem em ambientes fortemente perturbados pela acção humana, como seja cascalheiras, depósitos de entulho, aterros, bermas de caminhos e espaços similares. Por extensão, designam-se por "plantas ruderais", ou por "vegetação ruderal", as espécies e as comunidades vegetais típicas desses ambientes."

planta árvores nas ruas. E os membros do Arboriza nos convidaram a participar da empreitada.

Nesse processo, fomos entendendo que a emergência na cidade-da-propriedade-privada é a habitação. O acesso à moradia é difícil, caro e muitas vezes precário. Essa precariedade pode se referir ao espaço físico, mas também à capacidade do morador de se manter nele, perante os múltiplos processos de expulsão que se dão em função das dinâmicas urbanas de valorização e da especulação da terra.

A vida urbana no *capitaloceno* (HARAWAY, 2023, p. 181) é pensada sob uma ótica individualista e racional, portanto, os espaços que importam são privados e funcionais, enquanto espaços de usufruto coletivo não são priorizados. O lugar de morar, a unidade de habitação, deve comportar todas as atividades da vida cotidiana de uma única família, isolada e autônoma em relação aos vizinhos; cozinhar, dormir, se divertir, tudo realizado por um núcleo pequeno e separado. Como se dão as redes nesse tempo-espaço? E as alianças?

Assim, partindo do pressuposto que ter um teto próprio para se abrigar configura como emergência espacial imediata nas cidades, como pautar a discussão sobre espaços não-privados e individuais, mas sim comum, de construção, manutenção e usufruto coletivos, como uma horta, que é o que estava em jogo na Vila Dias. A mobilização desses imaginários na cidade é difícil, mas procurando encontram-se muitos espaços e vivências que fogem dessa lógica individual, construindo espaços de cooperação e redes de parentesco.

Entendemos nesse texto que, alianças entre povos e movimentos são formas de sobreviver às ruínas. O caráter coletivo do fazer-parentes é sua qualidade e possibilidade. As alianças, o devir-com, as redes, formando e desfazendo, movimentam-se, e inventam utopias e possibilidades de futuridades. Reconhecemos os desafios de tais intenções, por isso a premissa de Haraway nos serve tão bem: ficar com o problema. Não só o problema da produção moderna, mas também o problema de devir-com em meio a tantas diferenças, mágoas e expectativas. As mudas vieram da luta pela terra na Bahia, foram presenteadas a um coletivo que luta por moradia (terra) no espaço urbano de Belo Horizonte. Por fim, foram levadas por nós para essa Vila, também em BH, para construção de um espaço coletivo público: uma horta.

## 5. Desencontros

No dia do mutirão, após conseguirmos cavar uma caminha relativamente atraente para as mudas, entramos na ponderação sobre plantá-las juntas ou não. Optamos por separá-las, após breve debate coletivo, embora não soubéssemos como fazer isso. Hoje, descobrimos, por meio de vídeo no *youtube*, que uma boa solução é molhar o torrão, para fazer com que a terra saia das raízes de modo gradual e suave, sem rompê-las. Ir lavando o torrão até que estejam apenas as raízes à mostra.

O que fizemos foi bem menos sofisticado e até rude: desembaraçamos as raízes a seco, tentando ao máximo ter cuidado para não desmanchar o torrão totalmente e perder as estruturas da planta já formada, evitando romper raízes (mas rompendo várias no caminho).

Por fim, quando conseguimos separar essas plantas já companheiras, optamos por plantar na caminha a pixirica, pois nos foi informado que ela é uma planta de agressividade compatível com o tipo de substrato no qual a estávamos colocando: entulho, lixo e terra. Ela é uma planta ruderal, pioneira, muito usada para recuperação de áreas degradadas. Não sabemos ao certo o que elas sentiram com a separação... alívio? Saudades? Desespero? Empolgação?

Falamos o tempo todo sobre plantas fazendo alianças, mas não conseguimos explicar isso muito bem. Entendemos que a convivência das duas mudas no saquinho é uma negociação entre elas, e que a chegada da pixirica ao saquinho seguramente se deu por alguma aliança entre ela, ainda semente, e outro ser (bicho, vento, água...). Mas não conseguimos saber mais sobre o que significam alianças para uma planta de fato, pois nosso entendimento, como humanas, de plantas vai até certo ponto. Fazemos aqui um relato imaginativo e uma imaginação relatora. Nos enxergamos no papel de mediadoras (tradutoras? Certamente infieis [TSING, 2019, p. 64]) que as mudas tiveram como aliadas humanas.

Depois de receberem a muda do Terra Vista, os membros do coletivo Kasa Invisível, sem ter não onde plantar e sabendo de nosso projeto de TCC, nos ofereceram as mudas. Assim, as mudas mediaram uma rede de alianças incluindo a Kasa Invisível, o Assentamento Terra Vista, nós, e os moradores da Vila Dias. Desde o momento de germinação até o momento de plantio no solo, o caminho da muda integrou essa rede de articulações.

A muda de *citrus* foi mantida no saquinho com um pouco de terra, e a levamos de volta para casa. Lá ela não sobreviveu após a perturbação e o desmantelamento de seu torrão e, ao final, já seca, foi colocada em uma composteira doméstica, no quintal.

Ao colocar a pixirica no solo, a havíamos tirado de uma rede de parentescos e alianças estabelecidos no saquinho, colocando-a em uma rede outra. Uma vez no solo, novas alianças poderiam se dar. No dia do plantio, conseguimos um balde de água, com um vizinho, Luciano. Regamos a nova moradora do lote e fizemos um canteirinho com cacos de azulejos que encontramos por ali mesmo. Fotografamos e pedimos ao Luciano regasse a planta novamente nos próximos dias. Iríamos voltar no fim da semana para visitá-la e, quem sabe, continuar a construir a horta coletiva, agora a partir daquilo que já havíamos feito.

Nossa esperança era que a muda plantada fosse mediadora para outros diálogos e alianças na transformação coletiva do espaço. Seria uma forma de conversar com a comunidade da Vila Dias que não estávamos conseguindo antes, sendo apenas duas humanas, assim, pedimos ajuda a Pixirica, colocando-a naquele solo. Esperávamos que, ao verem a muda crescendo ali, os moradores poderiam perceber que aquele espaço de ruína - bota fora de entulho e outros resíduos -, poderia ter outro futuro, tornar-se horta, ou algo que não o que era. A Pixirica, nossa aliada, viraria um agente de imaginação utópica.

No dia seguinte, recebemos uma mensagem do Luciano no *whatsapp* com a inesperada notícia: a muda foi roubada. Essa palavra roubada veio dele mesmo, Luciano, aqui, nos autorizamos a entrada na especulação e na imaginação, a partir do relato dele.

Para isso, questionamos: quem teria roubado a planta, e por que? Uma senhora a acrescentou à sua pequena hortinha de varanda? A pixirica, além de sua agradável aparência, que lhe confere um potencial ornamental, dá pequenos frutos comestíveis e doces. Ou poderá ter sido um apaixonado, que quis presentear seu amor e pedir desculpas por algum deslize...? Foi roubada mesmo? Será que ela não pode ter se retirado por conta própria? Ido embora, em seu passo vegetal? Ou será que não foi embora em acordo com alguém, não um furto, mas uma fuga! Quem sabe um romance proibido, uma tentação de estar em um quintal maior, em uma terra melhor... Quem sabe não foi a água que vem da casa da vizinha, que fez uma enxurrada e a levou...? Pode ter sido um cão também, que passou por ali e a retirou/comeu... Muitos seres frequentam aquele espaço. Um gato talvez? Quais as naturezas e culturas de tais

gatos? Pode ter sido uma sabotagem ao projeto da horta, feita por um vizinho que não gostou da ideia e, ao invés de falar - ou após tentar falar - partiu para ação.

## **6. Especular para ficar com problema**

O choque do sumiço da planta nos pôs diante da nossa própria ingenuidade, e da percepção de termos nos encontrado com um equívoco. A experiência de qualquer plantador de rua e/ou espaços públicos confirma: mudas são frequentemente roubadas e até vandalizadas. Assim, por que a surpresa?

O sumiço como acontecimento cria fantasmas: gatos brincalhões, cães famintos, enxurradas de água, vizinhas sorrateiras, moradores incomodados.... Onde havia uma pequena muda recém plantada em um canteiro de cacos de azulejo, mediando complexos encontros entre nossas intenções e desejos e os dos seres que ali habitam, paira uma infinidade de histórias e especulações irresolutas. O mistério do nosso desencontro com a pixirica foi tão significativo quanto seu caminho até o encontro. Acolher o mistério e a opacidade das coisas abre espaço para imaginações mais gerativas que as certezas.

Conseguimos imaginar tudo isso a partir de relatos, nossos, observados e coletados. Com todas essas informações, buscamos habitar o equívoco (VIVEIROS DE CASTRO, 2018; p. 254, apud MARQUEZ, 2021; p. 218) para ficar com o problema. Pesquisas-vividas<sup>14</sup>, beneficiam-se de abandonar o projeto próprio de conhecimento (STRATHERN, 2014, p. 346), libertando-se para encontrar aquilo que não foi procurado. Assim, *habitando esses problemas e ficando com esses equívocos*, desejamos ações coletivas que estejam abertas à indeterminação.

Se as paisagens, como reuniões multiespécie, são produzidas nas relações de aliança, parentesco, redes e devir-com, imaginar a partir daquilo que é relatado - em uma multiplicidade de linguagens - é uma forma de construir futuros juntos, procurando algo desconhecido, abertos para o que não se sabe (e que pode nunca vir a saber). Além disso, é importante também dizer que desconhecido não diz respeito apenas àquilo que soa como novo. Desconhecido, pode dizer respeito àquilo que foi sistematicamente colocado nesse lugar de não-saber, como outras epistemes de outros povos e outros modos de vida.

---

<sup>14</sup> Escutamos esse termo de um pajé Xakriabá (Deda).

Nessa estória *SF*, além de imaginar e relatar, desejamos compartilhar dilemas e pensar em como responder às consequências de nossas ações enquanto humanos do antropoceno. Especular sobre a história de uma pixirica que cruzou nosso caminho é um exercício imaginativo em buscando ecologias políticas multiespécie, tensionando as bordas de culturas-naturezas. Com isso, entendemos que muitas coisas estavam-estão-estarão acontecendo antes-durante-depois de nós. Esse texto é uma tentativa de construir sentidos junto.

## 7. Referências

BAUMGRATZ, J.F.A. *Leandra in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB9507>>. Acesso em junho de 2024.

**Cabeludinha-do-cerrado** (*Miconia australis*). Disponível em: <<https://www.ecoregistros.org/folha/Miconia-australis&idlugar=1758>>. Acesso em junho de 2024.

Cerrado Infinito. Guia dos campos de Piratininga. Disponível em: <https://www.cerradoinfinito.com.br/pixirica?lang=en>.> acesso em 25/05/2024.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX**. Disponível em:

<[https://cochabambahotel.noblogs.org/files/2017/03/Manifesto\\_Ciborgue.pdf](https://cochabambahotel.noblogs.org/files/2017/03/Manifesto_Ciborgue.pdf)>.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução de Ana Luiza Braga. N-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. **Lines: a brief history**. London: Routledge, 2007.

K. LE GUIN, Ursula. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador, Edufba, 2012.

MACIEL, C. Poluição do ar afeta crescimento de árvores em São Paulo. Agência Brasil, 2019.

Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/poluicao-do-ar-afeta-crescimento-de-arvores-em-sao-paulo#:~:text=O%20estudo%20revela%20que%20os,para%20a%20fotos%C3%ADntese%20da%20planta.>>> Acesso em junho de 2024.

MARQUEZ, Renata. **Quase-etnógrafa-etc**. Revista Mundaú nº 9. Maceió: Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, 2020.

MUÑOZ, J. **Cruising Utopia**: The then and there of Queer Futurity, New York University Press, 2009.

NASSER, R. **Assentamento Terra Vista**: 31 anos de resistência. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/assentamento-terra-vista-31-anos-de-resistencia/>>. Acesso em junho de 2024.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SANTORO, M. Citros/Citrus: Importância e principais dicas para essa cultura. 2020. Disponível em: <<://blog.aegro.com.br/citros-citrus/>> Acesso em junho de 2024.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.